

SERÁ QUE AGORA ACORDAM?

***Roberto Rodrigues**

No final de setembro passado aconteceu em Campinas o Fórum do Agronegócio promovido pelo LIDE, entidade que congrega lideranças empresariais de todos os setores.

Nesta sua segunda edição discutiram-se os grandes “Nós” que vem entravando o desenvolvimento do setor. Foram tratados os temas da Sustentabilidade, do Comércio Internacional, dos Insumos Agrícolas, da Agenda Legislativa e da Comunicação rural-urbana. Depois de intensos e excelentes debates entre as mais expressivas lideranças das diversas cadeias produtivas do agro brasileiro, estudiosos, acadêmicos e políticos, foi preparado o documento “Desatando os nós”, com um sumário das recomendações apreciadas, como segue.

A sustentabilidade é um valor inestimável para o agronegócio. Pratica-se no Brasil uma das mais sustentáveis agriculturas do mundo e a implantação do novo marco regulatório representado pelo Código Florestal ampliará ainda mais as garantias de convívio harmonioso entre produção agrícola competitiva e conservação ambiental. Mas só o conhecimento profundo dos nossos biomas garantirá a tomada de decisões soberanas e socialmente justas sobre a forma de usar nosso vasto patrimônio natural.

Será importante avançar na legislação que estabelece Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), criando-se a oportunidade de gerar renda aos produtores rurais, pelo papel que cumprem em prol da sociedade na preservação da água e da biodiversidade nas Áreas de Preservação Permanente – APPS e Reserva Legal.

No âmbito do comércio internacional é necessário repensar a estratégia de política externa comercial brasileira tendo em vista os impactos para o agronegócio que podem advir da celebração de grandes acordos regionais de comércio, como os acordos dos Estados Unidos com a Aliança do Pacífico e com a União Europeia. É necessário também avançar na celebração de acordos bilaterais, em particular, com os grandes consumidores, como China e Índia.

No tema insumos, a contínua expansão do uso de tecnologia é o principal veículo através do qual a agropecuária brasileira seguirá ampliando sua produtividade, e não é possível, numa agricultura tropical de uso intensivo do solo, com duas ou até três safras por ano, que convive com frágil aparato de defesa sanitária vegetal, esperar até sete anos para o registro de uma nova molécula. O setor de sementes, por sua vez, precisa desenvolver um mecanismo adequado de cobrança dos royalties pelos eventos biotecnológicos, que privilegie o pagamento no valor da semente. Especial atenção deve ser dada ao desenvolvimento de mecanismos de preservação da eficiência dos novos eventos biotecnológicos por meio de refúgio. É necessário eliminar a diferença de tratamento tributário entre os fertilizantes importados e os de produção nacional, permitindo à indústria a recuperação dos créditos de impostos acumulados junto aos fiscos estaduais.

A superação do nó da agenda legislativa deve priorizar soluções para a questão indígena, para a terceirização de mão-de-obra rural, para a questão do trabalho degradante, para regras que disciplinem e permitam o investimento estrangeiro em terras agrícolas.

Já o nó da comunicação do agronegócio com a sociedade só será desatado quando as cadeias produtivas estiverem organizadas para fazer um diálogo proativo que eleve o nível de informação da população urbana sobre o mundo rural moderno e das suas contribuições positivas econômicas, sociais e ambientais.

Resta colocar mãos a obra. O diagnóstico está feito, as propostas também.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**